

ciclo de seminários

VIVA ABRIL

ciclo de seminários

VIVA ABRIL

Coordenação editorial

Paula André (DINÂMIA' CET-Iscte / Iscte-Instituto Universitário de Lisboa)

Apoio técnico e difusão

Mariana Leite Braga (DINÂMIA' CET-Iscte)

Edição

DINÂMIA' CET-Iscte

Julho de 2024

ISBN

978-989-781-932-2

Índice

p.1

CARTOGRAFIAS DE ABRIL!

Paula André

p.4

BARRINHOS – QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR?

Luís Filipe Rocha

p.7

CASA DE VIAGEM. UM CONCEITO DE HABITAÇÃO.

Duarte Belo

p.20

LA CASA Y EL CONTEXTO. PROYECTOS.

José Ignacio Linazasoro

CARTOGRAFIAS DE ABRIL!

Paula André

“A Poesia está na Rua”¹

“Já vivo nas barracas há 26 anos; gostava de ter uma casa; eu farto-me de trabalhar, vejo casas lindas, só não tenho possibilidades de ter uma casa (...) quero que eles me arranjem uma casa como deve ser”²

“a habitação não há (...) já é até uma conversa cansada”³

“(...) para fazer arquitectura social qual é que é o grande problema? É o solo”⁴

“A Poesia está na Rua?”⁵

No âmbito da celebração dos 50 anos do 25 de Abril de 1974 e das unidades curriculares “Projecto de Investigação” do Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, e “Teoria e História da Arquitectura V” do Mestrado Integrado em Arquitectura, realizou-se no Iscte-Instituto Universitário de Lisboa o ciclo de seminários VIVA ABRIL, com especialistas das áreas do cinema, da fotografia e da arquitectura, cujas conferências tiveram como âncora transversal subjacente a questão da habitação.

O direito a uma habitação digna é parte substantiva da Agenda de Desenvolvimento Sustentável (2030) e no actual tempo de urgência, a habitação social é um desafio permanente para a sociedade e para o arquitecto. Acreditando tal como o escritor Theodor Kallifatides que a cultura é a única maneira de criar um verdadeiro entendimento entre os

¹ Cartaz/Guache s/ papel (1974) de Maria Helena Vieira da Silva, citando a frase A Poesia está na Rua de Sophia de Mello Breyner Andresen; frase proposta na reunião na Associação de Escritores de preparação do 1º de Maio de 1974, e exibida em cartaz erguido por Margarida Gil, e inscrita no poema Para os militantes do PS, 1 Maio 1975

² *Aqui e Agora*, 3 Abril 1982, minuto 02:25-02:55, in, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/problema-da-habitacao/>

³ Testemunho de uma habitante de um bairro exclusivamente habitado por pessoas que vieram das ex-colónias, Em desespero de casa-parte II, *Grande Informação*, 19 Setembro 1984, minuto 22:20, RTP Arquivos, in, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/em-desespero-de-casa-parte-ii/>

⁴ Arquitecto Francisco Silva Dias, programa *O Problema da habitação em Portugal*, série Sonhos e Armas, 24-10-1974, 12:00-12:09, in, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-problema-da-habitacao-em-portugal/>

⁵ Pedro Cabrita Reis, cartaz para a exposição comemorativa dos 40 anos do 25 de Abril, Biblioteca Municipal Almeida Garrett, Jardins do Palácio de Cristal, Porto, 2014

seres humanos, procuremos adoptar uma atitude crítica em relação à nossa própria civilização, gerando dúvidas e conhecimentos para sonhar com outros projectos sociais⁶.

No campo ampliado da arquitectura, por condição transdisciplinar, devemos em conjunto interrogar futuros possíveis para a Habitação! O interesse em valorizar a relação, a justaposição e a articulação dos diferentes saberes, de modo multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar, associado ao pensamento e sistémico e complexo resulta na relevância das formas dinâmicas e flexíveis de corresponder às actuais questões⁷.

A escala mundial do problema da habitação é expressa pelo sociólogo Matthew Desmond, codirector do projecto Justiça e Pobreza da Universidade de Harvard, na sua obra *Evicted — Poverty and Profit in the American City* (2016), onde apresenta o panorama dramático dos desalojados da cidade norte-americana Milwaukee, e a ética radical que os movimentos de ocupação do séc. XXI espelharam. E perante as profundas transformações sociais em cenários urbanos o geógrafo Alexander Vasudevan, na obra *The Autonomous City: A History of Urban Squatting* (2017), apresenta uma história dos movimentos de ocupação na Europa e na América do Norte, afirmando a ocupação como um direito e uma forma de refazer a cidade.

Para (re)imaginar e (re)inventar a cidade e com ela a habitação, não esqueçamos o passado, pois na verdade, “só quando voltamos o pensamento para o que já foi pensado, estamos ao serviço do que ainda está por ser pensado”⁸. O passado recente revela que o legislado está muito longe de estar cumprido: “todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar”⁹. Isso mesmo foi declarado pelo arquitecto Nuno Portas quando alertou que “cinco anos depois do 25 de Abril de 1974 pode dizer-se que está muito longe de estar cumprido o que as populações podiam esperar legitimamente na resolução dos seus problemas de habitação (...)”¹⁰.

Este foi também um pretexto para celebrar a revolução de Abril, os poetas, os moradores, os arquitectos, e os artistas plásticos reunidos nas epígrafes. Sabemos a importância do espaço da cidade para abordar os desafios ambientais e sociais do séc. XXI, e de um espaço de debate que incorpore afinidades electivas de diferentes linguagens como modo de comunicar arquitectura. Como bem sublinhou o cineasta Wim Wenders “os filmes são um produto do ambiente urbano, formam parte dele, talvez como a música, e os arquitectos realmente comprometidos com o urbanismo deveriam estar informados sobre a música que se está a ouvir, a arte que se está a fazer, os filmes que estão a ser filmados”¹¹.

⁶ Philippe Descola— *Colloque, Habiter le XXIe siècle. Quels lieux pour le vivant?*, Fondation Maison des Sciences de l’Homme, <https://www.fmsh.fr/appels/colloque-habiter-le-xxie-siecle-quels-lieux-pour-le-vivant>

⁷ Thierry Ramadier— Transdisciplinarity and its challenges: the case of urban studies. *Futures*, v. 36, n. 4, p.423-439, 16 jan. 2004.

⁸ Martin Heidegger— *Identidad y diferencia*. Barcelona: Antropos, 1988, p.55-97.

⁹ Constituição da República Portuguesa, Artigo 65º, *Diário da República* n.º 86/1976, Série I de 1976-04-10

¹⁰ Nuno Portas, Os problemas da Habitação, *À Volta da Cidade*, 02-05-1979, 01:00-01:13, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/os-problemas-da-habitacao/>

¹¹ Wim Wenders – La ciudad. Una conversación con Hans Kollhoff, in, *Quaderns*, n. 177, Barcelona: Colegio de Arquitectos de Cataluña, 1988, p. 42-78

Certos de que a “arquitectura também se escreve”¹², e com a liberdade de resgatar e caldear uma canção e um filme, cantamos “a paz, o pão, habitação, saúde, educação, só há liberdade a sério, quando houver”¹³ “pane, amore e fantasia”¹⁴ na habitação! Terminamos com a certeza de que há encontros irreversíveis: viva o Luís! viva o Duarte! Viva o José!

¹² Luis Rojo, *La arquitectura también se escribe. Entre la crítica y la investigación*. Ensayos Críticos, 01. Madrid: ETSAM, 2024.

¹³ Sérgio Godinho, *Liberdade*, 1974.

¹⁴ Luigi Comencini, *Pane, amore e fantasia*, 1953.

BARRINHOS – QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR?

Luís Filipe Rocha

Não é fácil falar sobre um filme que se fez há 50 anos, num contexto histórico, social e humano excepcional.

Em primeiro lugar, porque sendo cada um de nós a mesma pessoa desde que nasce, todos nós ou muitos de nós, ao longo da vida e do tempo que nos toca viver, vamos mudando e variando consoante o que vamos vivendo fora e dentro de nós. Sendo a mesma pessoa, eu não sou hoje o jovem de 27 anos que, em pleno processo revolucionário português, fez o filme “Barrinhos, Quem Teve Medo do Poder Popular?”.

Em segundo lugar, e felizmente para todos nós, sobretudo para os mais novos, porque o país também não é o mesmo que existia em 1975; é, sem dúvida, muito diferente, por certo até mais diferente do que era então, do que eu próprio sou de quem fui há 50 anos.

Em Julho de 1975, uma amiga minha que trabalhava no SAAL, contou-me a história de um crime cometido num bairro de lata às portas de Lisboa e falou-me do seu contexto social e político.

Decidi filmar essa história e acabei por fazer aquele que eu considero o meu “primeiro filme”: pensei-o em menos de um mês e filmei-o em 10 dias, ainda em Agosto, ou seja, poucas semanas depois do crime, que ocorreu em 28 de Junho. Pensei-o e filmei-o completamente a quente, sem distanciamento algum, assumidamente mergulhado nas contradições, nas tensões e nos conflitos locais e nacionais da época. A pulsão interior, o ímpeto de contar, de falar, pensar e intervir sobre o que se estava a passar no país, naquele preciso momento histórico, foram tão imperativos que me atirei de cabeça e sem bóia.

Vale a pena lembrar rapidamente duas coisas: o que era o SAAL e qual era o Contexto Nacional no Verão Quente de 1975.

O SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local – foi criado em 31 de Julho de 1974, para procurar resolver as «graves carências habitacionais, designadamente nas principais aglomerações», e as «dificuldades em fazer arrancar programas de construção convencional a curto prazo». Definido como um «corpo técnico especializado», que estava já a ser organizado pelo Fundo de Fomento da Habitação, o SAAL destinava-se a apoiar, «através das câmaras municipais, as iniciativas das populações mal alojadas no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros, investindo os próprios recursos latentes e, eventualmente, monetários». Considerava-se que as iniciativas deveriam partir dos moradores, organizados em associações ou cooperativas e o apoio técnico a prestar pelo SAAL às populações mal alojadas compreendia diversas acções: i) «acção fundiária: aquisição e cedência de solo necessário após exame das aptidões locais»; ii) «acção de projecto: traçado urbanístico e de loteamento, projecto de infra-estruturas, fornecimento de esquemas tipo para habitações; projecto de componentes normalizados»; iii) «acção de assistência nas operações de construção: organização de estaleiro; mudanças de casas ou barracas para dar lugar à nova construção; eventual preparação de empreitadas e sua fiscalização; treino das brigadas de trabalho locais, volantes ou de voluntariado e programação das tarefas no período previsto e aceite pelos moradores»; iv) «acção de assistência

na gestão social: organização e preparação de estatutos das cooperativas; montagem do sistema de contabilidade, recurso ao crédito e repartição de responsabilidades entre os sócios; acções culturais e políticas com colaboração eventual de movimentos políticos, sociedades recreativas, etc., mas sempre organizadas pela população».

Em resumo: o SAAL foi criado para acabar, o mais rapidamente possível, com as barracas e os bairros de lata em Portugal. É importante retermos algumas das funções referidas, porque a acção da brigada do SAAL no bairro de Barronhos esteve no centro dos acontecimentos que o filme narra e documenta.

Quanto ao Contexto Nacional, o chamado PREC – “Processo Revolucionário em Curso” – e o seu período crucial, conhecido por “Verão Quente de 1975”, não os vou obviamente descrever, mas apenas assinalar alguns dos principais marcos do seu desenrolar:

11 de Março de 1975 – Tentativa abortada de golpe militar com o objectivo de travar o avanço do Processo Revolucionário.

Ainda em Março, e após a derrota dos golpistas, é criado o Conselho da Revolução, são decretadas as Nacionalizações da Banca e dos Seguros e toma posse o IV Governo Provisório, chefiado de novo por Vasco Gonçalves.

Em 19 de Junho, o PS organiza uma grande manifestação na Fonte Luminosa, com o objectivo de fazer frente à radicalização do processo político em curso: os campos antagónicos começam a definir-se e a defrontar-se.

Em Julho são publicadas as Leis da Reforma Agrária e, no Alentejo, as acções de expropriação e ocupação de terras iniciam-se em Agosto.

No dia 7 de Agosto, é publicado o Documento dos 9, assinado por um grupo de militares ditos moderados, liderados pelo major Melo Antunes, que pretende juntar à sua volta todas as forças políticas ditas moderadas. No dia seguinte, 8 de Agosto, toma posse o V Governo Provisório, chefiado ainda por Vasco Gonçalves mas já sem representação oficial dos principais Partidos Políticos.

No dia 18 de Agosto, Vasco Gonçalves profere o famoso discurso de Almada: as suas palavras constituem uma espécie de premonitório e dramático canto do cisne do Processo Revolucionário.

No dia 2 de Setembro, a Assembleia do Movimento das Forças Armadas derruba o General Vasco Gonçalves e nomeia o Almirante Pinheiro de Azevedo para o substituir. A 19 de Setembro toma posse o VI Governo Provisório, chefiado já por Pinheiro de Azevedo, e os partidos voltam a ter assento no executivo.

No dia 11 de Novembro, a última das nossas colónias — a jóia da coroa imperial portuguesa — Angola, torna-se independente, e duas semanas depois, no dia 25 de Novembro, um enfrentamento militar põe fim ao PREC e abre o caminho para a implantação da democracia parlamentar.

Muito sucintamente, são estes, no filme, os marcos que sinalizam o percurso tenso e conflituoso do Verão Quente de 1975. A parte mais significativa e mais quente dos acontecimentos, entre Junho e Novembro, foi intensamente vivida por mim, incluindo a complicada independência de Angola, onde estive entre 8 e 22 de Novembro, e o

enfrentamento de 25 de Novembro, cuja noite inteira eu passei com o Zeca Afonso, dentro da Base de Tancos, controlada pelos pára-quadistas revoltosos.

Falo disto apenas porque, na minha opinião, o que de mais interessante ressalta da feitura de “Barronhos, Quem Teve Medo do Poder Popular?” é o circunstancialismo histórico imprevisível, mas intelectual e emocionalmente decisivo, de o filme ter sido pensado e filmado durante o PREC e o Verão Quente, quando imaginariamente o processo revolucionário parecia avançar e consolidar-se, mas ter sido finalizado já depois do 25 de Novembro e, portanto, já depois de derrotado e encerrado o Processo Revolucionário.

O que ainda hoje me toca neste meu “primeiro filme” é a sua atrevida liberdade criativa e expositiva e a sua desalinhada tomada de posição política e intelectual, num momento histórico complexo, de convulsão nacional, de paixões e divisões vivas entre os portugueses. As suas insuficiências e ingenuidades e a sua rudeza explicativa não o impedem, no meu entender, de constituir um documento vívido, de certa forma singular e quase único, sobre o Verão Quente de 1975 e sobre uma das ignomínias mais abomináveis da ditadura: as barracas e os bairros de lata.

CASA DE VIAGEM. UM CONCEITO DE HABITAÇÃO.

Duarte Belo

Esta leitura sobre o povoamento humano e habitação não pode deixar de ser uma reflexão pessoal sobre a ideia de liberdade. Um exercício enquadrado na especificidade do desafio que me foi lançado pela Professora Paula André, no sentido de refletir sobre a *habitação* no momento em que se celebram os 50 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974, quando o Estado Novo, um regime opressivo e ditatorial, é derrubado e implementada a democracia. As palavras e as imagens que se seguem, mesmo sem qualquer compromisso com correntes ideológicas vigentes, são uma posição política sobre a possibilidade da criatividade e da arquitetura poderem ajudar a encontrar soluções para lidarmos com os grandes desafios que enfrentamos. As Alterações Climáticas são uma realidade. O Aquecimento Global é uma evidência. De uma forma muito breve, é aqui proposta a viagem por todos os tempos do povoamento humano da terra que hoje habitamos. Por fim, no exercício da mais estimulante liberdade que nos foi deixada por Abril, fica uma proposta de arquitetura interior ou uma interpretação dos cosmos.

Vale

Durante milhares de anos o curso terminal do rio Côa teve ocupação humana. As gravuras rupestres datadas do Paleolítico Superior são uma evidência deste facto. Num processo contínuo, evolutivo, de fixação de comunidades humanas a lugares específicos, surge a ideia de habitação. O vale do Côa, já próximo do encontro com o Douro, é como uma primeira casa. A abundante existência de gravuras rupestres pode ser entendida como uma primeira transformação da paisagem, ou um corte fundacional em relação a outras espécies biológicas que nunca, até ao presente, deram este passo. O vale do Côa, pelo desenho de animais em diversas superfícies de xisto, é transformado numa casa, num espaço de conforto, é uma paisagem apreendida, modificada. Em relação a outras manifestações gráficas, do mesmo período, como as grutas de Altamira, Lascaux ou Chauvet, as gravuras do Côa apresentam a singularidade de serem ao ar livre. A arquitetura, com estruturas edificadas, viria mais tarde e, quase sempre, associada a monumentos funerários.



Foz da ribeira de Massueime. Vila Nova de Foz Côa, 1996



Sítio de Vale Figueira, Vale do rio Côa, Vila Nova de Foz Côa, 1996

Abrigo

Um pouco por todo o país, mas sobretudo no Norte de Portugal, especificamente no complexo montanhoso constituído pelas serras da Peneda, Soajo, Amarela e Gerês, permanecem abrigos de pastor. São quase sempre construções em falsa-cúpula, em granito, edificadas em lugares isolados, na montanha, longe das aldeias que se localizam nas terras baixas, nos vales, junto de terras férteis para a agricultura. Esta tipologia de edificado remete para o período castrejo, pré-romano. São como as mais antigas casas que nos chegaram de um tempo remoto e um desejo de permanência, de fixação do tempo no espaço. Os abrigos feitos com elementos vegetais, como troncos, ramos e folhas, terão sido as primeiras estruturas edificadas pelo Homo sapiens. O uso da terra e da pedra, representam já um avanço nas tecnologias de edificação. Passos lentos no afastamento progressivo a uma Natureza intacta, dura, imprevisível.



Abrigos de pastor, serra da Peneda, Arcos de Valdevez, 2009



Abrigos de pastor, serra do Gerês, Montalegre, 1991

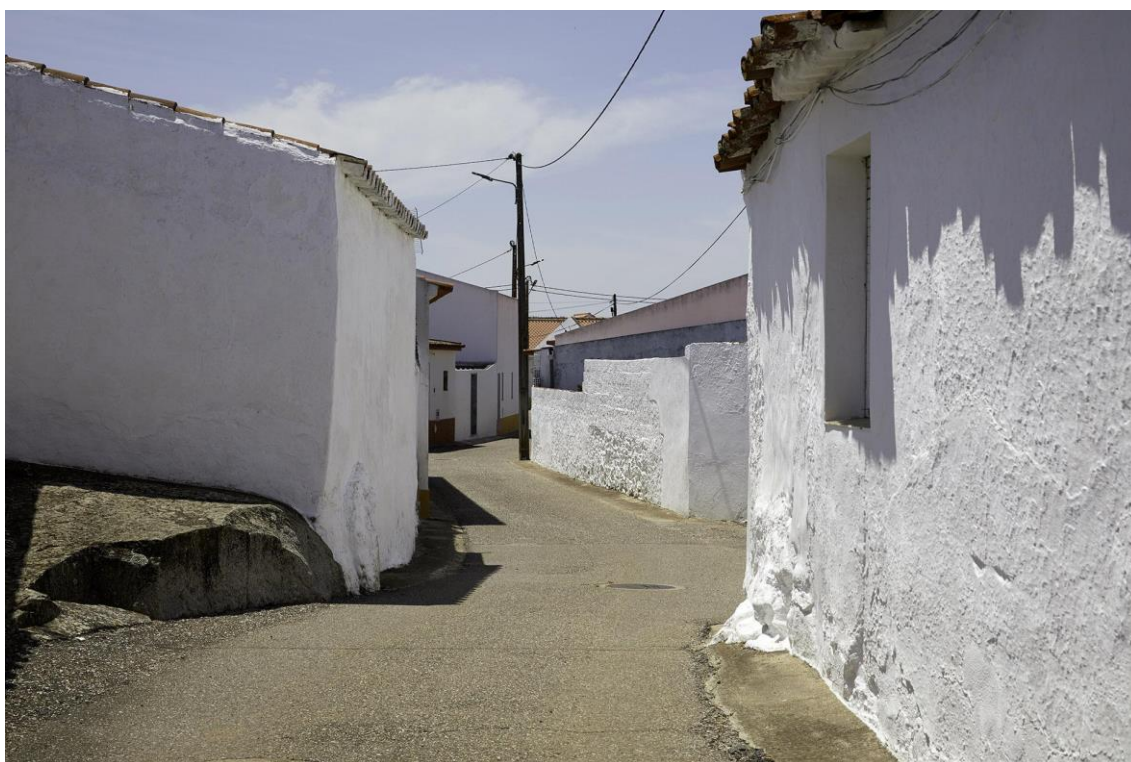
Aldeia

As aldeias são, muitas vezes, pequenos aglomerados de casas que estabelecem uma relação de proximidade e continuidade com as terras envolventes. Uma relação agropecuária. São aglomerados urbanos de pequena dimensão que estão próximos, como conceito, das primeiras comunidades que se fixaram em lugares específicos e deram

origem ao Neolítico, abandonando as práticas errantes dos caçadores-recoletores. O território hoje Portugal é, sobretudo, um espaço de aldeias. Todo o país está polvilhado destes pequenos aglomerados, muito mais concentrados a norte, onde as terras são mais férteis e a água mais abundante. As aldeias são mundos de diversidade que nos falam da própria materialidade da geografia, do planeta que habitamos.



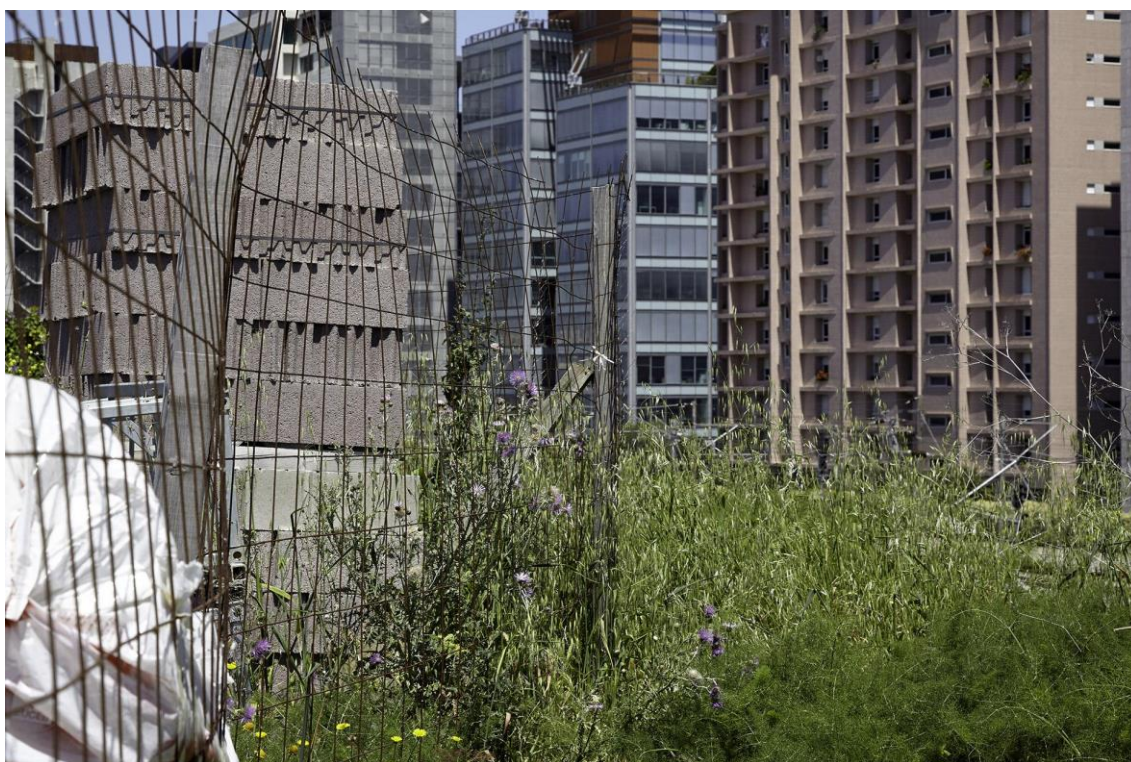
Visou, prox., 2015



Pedrógão, Vidigueira, 2021

Cidade

Numa cidade há uma enorme concentração de pessoas. Cada edifício, cada casa, cada apartamento, pode ser um mundo de criatividade. Ao contrário de uma aldeia, onde tudo é relativamente contido e rarefeito, as cidades são como espaços sem fronteiras em permanente aceleração. Se as aldeias se prendem a uma antiguidade remota, aos ritmos circadianos e às estações do ano, à terra lavrada, as cidades são ambientes de liberdade, de desprendimento, tentado, de códigos antigos. As cidades têm o fascínio de uma viagem evolutiva. Tudo está em permanente e célere transformação. O espaço urbano é o do ensaio do futuro, mas também do risco e da insegurança. Nos edifícios podemos ler barreiras, quebras com a continuidade da geografia. Talvez seja este um dos maiores paradigmas da urbanidade: a quebra com a paisagem contínua que observamos em campo aberto, na Natureza, onde mesmo os acidentes geográficos são gradações mais ou menos extensas de paisagem.



Lisboa, 2021



Cacém, Sintra, 2024

Casa I

O que é uma casa, o que é habitação? A resposta a esta questão pode deixar um rasto de palavras escritas em papel, em cadernos, numa incessante procura das derivações conceptuais a que somos transportados pelo pensamento. Esta materialização da palavra pela escrita, pode ser já um ensaio na construção de um abrigo imaginário, em parte desmaterializado, em parte com a forma de um conjunto de cadernos. Há papéis e riscadores, uma espacialidade muito contida, o ensaio da mais pequena biblioteca onde se procura representar todo o Universo. O fascínio da escrita é o pensamento vertido em palavras, matéria caligráfica, descodificação de uma linguagem primordial inscrita na própria vida.



Riscadores, 2024



Cadernos, 2023

Casa II

Na construção de artefactos de comunicação, revisitamos o vale do Côa. Recorremos ao extenso arquivo sobre o qual se vai erguendo este trabalho e produzimos novos lugares, simultaneamente reais e imaginários. Reais porque ocupam um espaço, privado, de uma

certa intimidade, uma casa habitada. Imaginários porque são representações de outros sítios percorridos no passado, que ficaram fixados em fotografias. Este é o desenho efêmero de uma arquitetura nova, espaço transformado em linguagem. Codificação de toda a vida. Também a arquitetura de novos movimentos siderais.



Viseu, 2024



Viseu, 2024

Casa III

As fotografias aqui apresentadas foram feitas ao longo de uma interminável viagem que ainda hoje continua. Quase sempre os meios disponíveis foram relativamente escassos. Um automóvel e uma tenda para este movimento de procura fotográfica de lugares, na busca do entendimento do significado do povoamento humano, também da própria existência. Revisitar uma relação antiga com a Natureza, uma de lógica da vida profundamente imprevisível. Um primevo conceito de casa, de habitação, de arquitetura. Pernoitar em qualquer sítio, longe dos aglomerados urbanos. A cada madrugada, na alvorada cantada por aves, iniciar uma nova jornada, como se nesses passos deambulantes, lentos, resumisse toda a história humana, fascinante, contraditória, dura e bela.



Abrigos de pastor, serra do Gerês, Montalegre, 1991



Serra de Alvoaça, Covilhã, 2019

Casa IV

Procurar palavras como quem tenta reunir todas as geografias que desenham todo o tempo de um ser. A abstração de uma síntese, codificada, de todas as viagens, da busca da representação de um espaço concreto, de um país, de um lugar comum. Um território familiar unido por uma língua, por um falar. Neste pedaço de solo encontramos uma série de vestígios do processo de povoamento humano, da conquista progressiva de uma paisagem habitada.

Estas palavras formam um lugar, um atlas, a coerência possível de uma peculiar interpretação da vida, do Universo. A cada palavra podemos associar imagens, textos, desenhos ou qualquer outra representação gráfica.

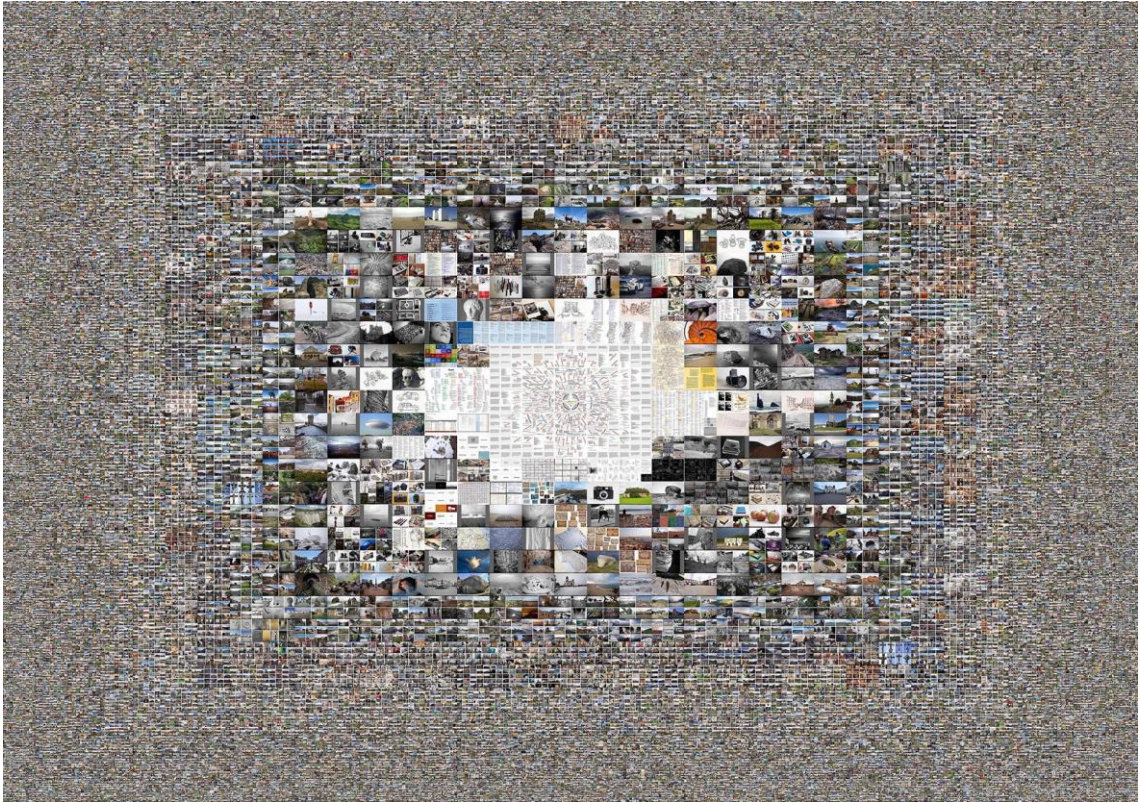
Este é o esboço de uma casa. A vida, como hoje a conhecemos aqui na Terra, é o resultado de uma sucessão de invenções ao longo de quatro mil milhões de anos. A célula, o movimento, a visão ou a consciência são algumas dessas invenções da matéria que se constituiu em vida. Talvez se possa acrescentar, a uma longa lista de evoluções biológicas, a *arquitetura*. Há outras espécies animais que constroem abrigos, mas nenhuma o fez com o carácter que o Homo sapiens lhe imprimiu, introduzindo uma revolução planetária que hoje permanece em aceleração. Cidade e tecnologia são agora sinónimo de Antropoceno, a época em que uma única espécie está a causar alterações profundas e rápidas nas anteriores condições, sobretudo climáticas, com o aquecimento global. Esta proposta de habitação e de arquitetura procura um caminho diferente, pela não-edificação, ou pelo reduzido espaço que ocupa. A arquitetura, mais do que uma proposta de edificação, é aqui um conceito de habitar. O retrato de um mudo imaginário desenhado a partir de um extenso arquivo fotográfico de mais de 2.000.000 de imagens do território hoje Portugal.

Mais do que habitar a materialidade, e contínua expansão de novas construções, aniquilando territórios de Natureza, a proposta é construir para dentro. Aproveitar os espaços já existentes, desde a escala do apartamento até às maiores unidades industriais, e explorar uma progressiva e ilimitada adaptação a novas funções, ou à evolução do

primitivo uso. As possibilidades criativas não têm limites. Os exercícios de criação de novas paisagens, dentro daquelas que já conhecemos, são infindáveis. Como na literatura, ou no cinema, por exemplo, os territórios são, virtualmente, infinitos. Deixemos à própria natureza, à biologia antiga, extensos territórios pois destes depende a nossa própria sobrevivência.

ENERGIA Energia é a capacidade de realizar trabalho. É uma grandeza física que pode ser armazenada e transformada. É a força que impulsiona os processos físicos, químicos e biológicos.	EXPLOÇÃO Explosão é um fenômeno físico-químico caracterizado por uma liberação súbita e violenta de energia, resultando na formação de gases e na propagação de ondas de choque.	LUZ Luz é uma forma de energia eletromagnética que se propaga em ondas transversais. É responsável pela visão e por diversos fenômenos físicos.	FÍSICA Física é o ramo da ciência que estuda as propriedades e o comportamento da matéria e da energia, buscando explicar os fenômenos naturais através de leis matemáticas.	QUÍMICA Química é o ramo da ciência que estuda a composição, estrutura e propriedades das substâncias, bem como as transformações que ocorrem entre elas.	CORPO Corpo é um objeto físico que possui massa e ocupa um determinado espaço no tempo e no espaço.	CAMINHAR Caminhar é o ato de deslocar-se a pé, geralmente em direção a um determinado destino.	PERFORMANCE Performance é a execução de uma tarefa ou atividade, geralmente avaliada em termos de eficiência e qualidade.	MOVIMENTO Movimento é o deslocamento de um objeto ou corpo no espaço ao longo do tempo.	PERCURSO Percurso é o caminho percorrido por um objeto ou pessoa durante um deslocamento.	VIAGEM Viagem é o ato de deslocar-se de um local para outro, geralmente com o objetivo de lazer ou trabalho.	VELOCIDADE Velocidade é a grandeza física que indica a rapidez com que um objeto se desloca no espaço.
UNIVERSO Universo é o conjunto de todas as coisas existentes, incluindo a Terra e todos os outros corpos celestes.	ESPAÇO Espaço é a dimensão tridimensional em que os objetos físicos existem e se movem.	LUGAR Lugar é um ponto ou área específica do espaço geográfico.	MUNDO Mundo é o conjunto de todos os seres vivos e fenômenos naturais que ocorrem na Terra.	FRONTEIRA Fronteira é o limite geográfico ou político que separa dois territórios.	ACELERAÇÃO Aceleração é a grandeza física que indica a variação da velocidade de um objeto ao longo do tempo.	INTENSIDADE Intensidade é a medida da magnitude ou força de um fenômeno físico.	PENSAMENTO Pensamento é o processo mental que envolve a percepção, a interpretação e a organização das informações.	MÃO Mão é o membro superior humano, utilizado para manipular objetos e realizar tarefas.	DESENHAR Desenhar é o ato de criar uma representação visual de um objeto ou ideia.	ARTEFACTO Artefacto é um objeto criado pelo ser humano, geralmente com fins utilitários ou artísticos.	ANALÓGICO Analogico é um tipo de sinal ou informação que varia continuamente ao longo do tempo.
PORTUGAL Portugal é um país localizado no sudoeste da Europa, conhecido por sua rica história e cultura.	TEMPO Tempo é a dimensão que mede a duração dos eventos e a sequência das ações.	CRONOLOGIA Cronologia é o estudo da ordem e da duração dos eventos históricos.	EVOLUÇÃO Evolução é o processo de mudança gradual das espécies ao longo do tempo.	MÚSICA Música é uma arte que utiliza sons e ritmos para expressar emoções e ideias.	REPRESENTAÇÃO Representação é o ato de apresentar ou interpretar algo de forma simbólica.	REGISTO Registro é o ato de registrar ou documentar informações.	FOTOGRAFIA Fotografia é o processo de capturar e preservar imagens através da luz e da química.	POSSIBILIDADE Possibilidade é a condição de algo que pode ocorrer ou existir.	PROJETO Projeto é um plano ou proposta para a realização de uma tarefa ou obra.	PROCESSO Processo é o conjunto de etapas ou ações que compõem a realização de uma tarefa.	MÉTODO Método é um conjunto de procedimentos ou técnicas utilizadas para alcançar um objetivo.
MATERIA Matéria é o que constitui os corpos físicos, possuindo massa e ocupando espaço.	ÁTOMO Átomo é a menor partícula da matéria que mantém as propriedades químicas da substância.	MOLECULA Molécula é o conjunto de dois ou mais átomos ligados quimicamente.	CÉLULA Célula é a unidade básica da vida, capaz de realizar as funções vitais.	DENSIDADE Densidade é a grandeza física que indica a massa por unidade de volume.	MODELO Modelo é uma representação simplificada de um sistema ou fenômeno.	CONSTRUÇÃO Construção é o ato de construir ou edificar algo.	FAZER Fazer é o ato de realizar ou produzir algo.	TRABALHO Trabalho é o esforço físico ou intelectual realizado para produzir algo.	PUZZLE Puzzle é um jogo de peças que se encaixam para formar uma imagem completa.	ECONOMIA Economia é o estudo do uso eficiente dos recursos escassos.	DOCUMENTO Documento é um conjunto de informações escritas ou impressas.
TERRA Terra é o planeta onde vivemos, caracterizado por sua atmosfera e presença de vida.	TERRITÓRIO Território é uma área geográfica delimitada por fronteiras.	TOPOLOGIA Topologia é o estudo das propriedades geométricas que permanecem invariantes sob deformações contínuas.	GEOGRAFIA Geografia é o estudo da distribuição espacial dos fenômenos físicos e humanos.	ARQUIVO Arquivo é um conjunto de documentos ou informações armazenados para consulta futura.	SERIAL Serial é um conjunto de elementos relacionados, geralmente em uma sequência.	SISTEMA Sistema é um conjunto de partes interligadas que funcionam de forma integrada.	RELAÇÃO Relação é o vínculo ou conexão entre dois ou mais elementos.	SELEÇÃO Seleção é o ato de escolher ou selecionar algo.	ANCORAGEM Ancoragem é o ato de fixar ou estabilizar algo.	BIBLIOTECA Biblioteca é um conjunto de livros e documentos armazenados para consulta.	DIGITAL Digital é o formato de informação armazenado e processado em bits.
GEOLOGIA Geologia é o estudo da Terra, sua estrutura e sua evolução.	NATUREZA Natureza é o conjunto de fenômenos físicos e biológicos que ocorrem no mundo.	CIDADE Cidade é um aglomerado urbano com uma estrutura organizada.	FRATAL Fractal é um objeto geométrico complexo que se repete em diferentes escalas.	DISCURSO Discurso é o ato de falar ou escrever sobre um determinado tema.	EXERCÍCIO Exercício é uma atividade física ou intelectual realizada para melhorar a performance.	EXPRESSIONO Expressão é o ato de manifestar ou comunicar algo.	EXPOSIÇÃO Exposição é o ato de expor ou apresentar algo.	PARTILHAR Partilhar é o ato de compartilhar algo com outros.	PALAVRA Palavra é o elemento básico da comunicação verbal.	POESIA Poesia é uma forma de arte literária que utiliza linguagem figurada.	ARTE Arte é a expressão criativa humana através de diversos meios.
VIDA Vida é o estado de um organismo capaz de realizar as funções vitais.	GÊNESE Gênese é o estudo da origem e do desenvolvimento das espécies.	GENÉTICA Genética é o estudo da herança e da variação das características.	BIOLOGIA Biologia é o estudo da vida e dos organismos vivos.	ESTAR/SER Estar/Ser é o estado de existência ou condição de um ser.	BIOGRAFIA Biografia é o relato da vida de uma pessoa.	IDENTIDADE Identidade é o conjunto de características que definem um indivíduo.	VOZ Voz é o som produzido pela laringe durante a fala.	MANIFESTO Manifesto é um documento que declara princípios ou intenções.	CONDIÇÃO Condição é o estado ou circunstância em que algo se encontra.	IMAGINÁRIO Imaginário é o que existe apenas na imaginação.	HABITAÇÃO Habitação é o local onde uma pessoa vive.
ORDEM Ordem é a qualidade de estar organizado ou alinhado.	COMPLEXIDADE Complexidade é a qualidade de ser composto por muitas partes.	EQUILÍBRIO Equilíbrio é o estado de igualdade ou estabilidade.	CONEXÃO Conexão é o vínculo ou ligação entre dois pontos.	INTERROGAÇÃO Interrogação é o ato de fazer perguntas para obter informações.	PESQUISA Pesquisa é o ato de investigar ou explorar algo.	RAZÃO Razão é a capacidade de raciocinar e tomar decisões.	ARQUITETURA Arquitetura é o estudo e a prática de projetar edifícios.	ÁRVORE Árvore é um tipo de planta com um tronco principal e galhos.	LIVRO Livro é um conjunto de páginas escritas e encadernadas.	COSMOGONIA Cosmogonia é o estudo da origem e do desenvolvimento do universo.	LIBERDADE Liberdade é o estado de não estar sujeito a restrições ou opressão.
JOGO Jogo é uma atividade recreativa que envolve regras e competição.	RISCO Risco é a possibilidade de sofrer danos ou prejuízos.	SINAL Sinal é uma informação que transmite uma mensagem.	CÓDIGO Código é um conjunto de regras ou símbolos utilizados para comunicação.	CIÊNCIA Ciência é o conhecimento sistemático sobre o mundo natural.	CONSISTÊNCIA Consistência é a qualidade de ser coerente e lógico.	COERÊNCIA Coerência é a qualidade de ser harmonioso e consistente.	EXATIDÃO Exatidão é a qualidade de ser preciso e correto.	UNIDADE Unidade é o estado de estar integrado ou unificado.	FERTILIDADE Fertilidade é a capacidade de produzir descendentes.	FIXAÇÃO Fixação é o ato de prender ou estabilizar algo.	ENTRELAÇAMENTO Entrelaçamento é o ato de entrelaçar ou misturar coisas.
LINGUAGEM Linguagem é o sistema de comunicação utilizado pelos seres humanos.	FORTE Forte é o adjetivo que indica algo poderoso ou resistente.	MAPA Mapa é uma representação gráfica de um território.	GEOMETRIA Geometria é o estudo das propriedades das formas e dos espaços.	SIMPLICIDADE Simplicidade é a qualidade de ser simples e direto.	INTERPRETAÇÃO Interpretação é o ato de explicar ou dar significado a algo.	SÍNTESE Síntese é o ato de combinar elementos para formar um todo.	ESTRANHEZA Estranheza é a qualidade de ser diferente ou incomum.	DIFERENÇA Diferença é o estado de não ser igual a algo.	DERIVAÇÃO Derivação é o ato de derivar ou originar algo.	DISPERSÃO Dispersão é o ato de espalhar ou distribuir algo.	ALEATORIEDADE Aleatoriedade é a qualidade de ser imprevisível e aleatório.
MATEMÁTICA Matemática é o estudo das propriedades e relações quantitativas.	ORIGEM Origem é o ponto de partida ou início de algo.	MEMÓRIA Memória é a capacidade de armazenar e recuperar informações.	ORGANIZAÇÃO Organização é o ato de estruturar e planejar algo.	INDETERMINAÇÃO Indeterminação é o estado de não estar definido ou claro.	OPACIDADE Opacidade é a qualidade de não ser transparente.	FRAGMENTO Fragmento é uma parte ou pedaço de algo.	ATRITO Atrito é a força que se opõe ao movimento entre superfícies em contato.	EROSÃO Erosão é o processo de desgaste da superfície terrestre.	RUIDO Ruído é um som indesejado ou perturbador.	NEGATIVO Negativo é o oposto ou contrário de algo.	DESTRUIÇÃO Destruição é o ato de destruir ou destruir algo.
ESTRUTURA Estrutura é o conjunto de partes que compõem um todo.	PALÍMPSESTO Palímpsesto é um texto ou imagem que pode ser lida de duas maneiras.	LABIRINTO Labirinto é um caminho complexo e confuso.	CAOS Caos é o estado de desordem e confusão.	ENTROPIA Entropia é a medida da desordem ou aleatoriedade de um sistema.	VÓRTICE Vórtice é um movimento rotacional intenso.	INFINITO Infinito é o que não tem fim ou limites.	LÍMITE Limite é o ponto ou condição que define os limites de algo.	APAGAMENTO Apagamento é o ato de apagar ou eliminar algo.	SILÊNCIO Silêncio é a ausência de som.	MORTE Morte é o fim da vida de um organismo.	VAZIO Vazio é o estado de estar sem conteúdo ou ocupado.

Atlas de Palavras, 2024



Vórtice, 2024

LA CASA Y EL CONTEXTO. PROYECTOS.

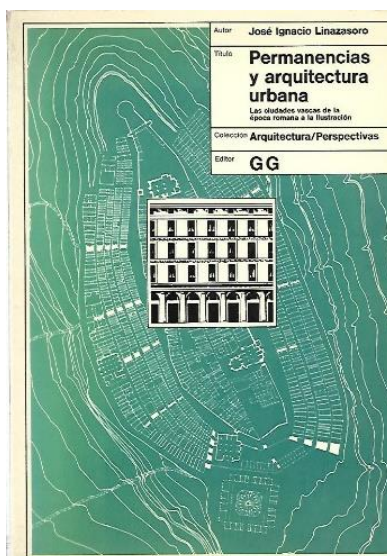
José Ignacio Linazasoro

Tras haber estudiado arquitectura en Pamplona y Barcelona, me trasladé a mi ciudad natal, San Sebastián, donde abrí mi primer estudio. Allí, en 1973, comencé también a colaborar con Miguel Garay en la recién creada Comisión de Cultura del Colegio de Arquitectos.

Nos enfrentábamos a un momento de crisis del Movimiento Moderno, con un interés creciente por la historia y por el territorio, tras los desastres urbanísticos propiciados por el desarrollismo de los años 60. Intentar, por eso, reconstruir la ciudad basándose en el análisis histórico de la misma era un objetivo primordial de aquellos años. Este movimiento venía siendo impulsado desde Italia, país en el que la reconstrucción urbana y la cuestión de los Centros Históricos había sido planteada desde el final de la Segunda Guerra Mundial.

Desde la Comisión de Cultura nos propusimos, como objetivo prioritario, realizar un análisis del territorio y de las ciudades del País Vasco. Conocía desde tiempo atrás al historiador y antropólogo Julio Caro Baroja, lo que nos permitió contactar con él para organizar una serie de excursiones por el País, con el fin de ir conociendo poblaciones de origen medieval-que constituían su núcleo poblacional originario- y estudiar su posterior evolución.

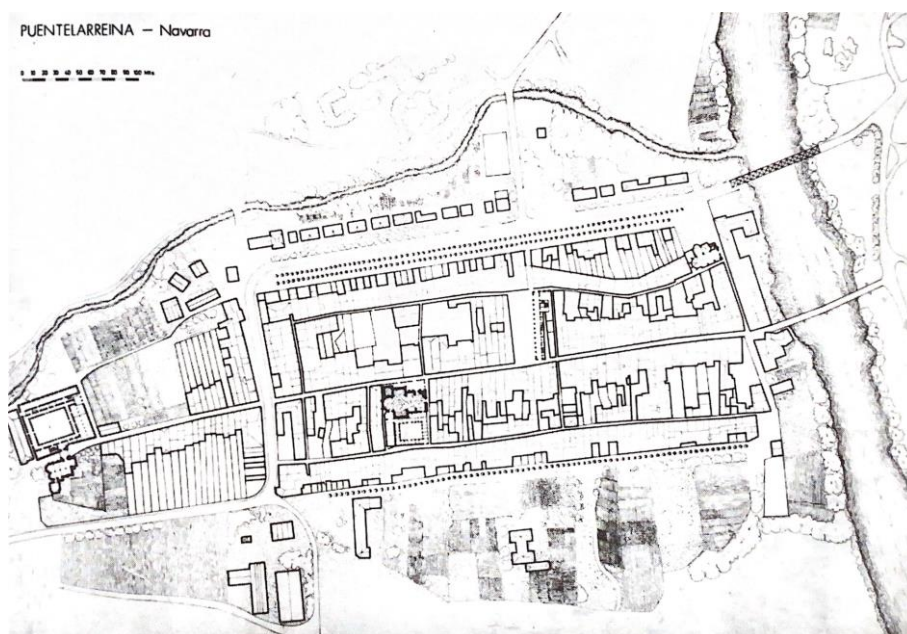
El resultado de estos viajes me sirvió de base para un análisis morfo-tipológico de estas poblaciones que cristalizó en mi primer libro: Permanencias y Arquitectura Urbana, publicado en 1978. El estudio permitía encuadrar la arquitectura de la casa como parte inescindible del trazado de la ciudad, es decir, dentro de un contexto y no como un objeto aislado. Esta condición era predominante en el Movimiento Moderno más ortodoxo y había llevado a la destrucción del tejido urbano en la ciudad moderna.



Portada, Permanencias y Arquitectura Urbana, 1978

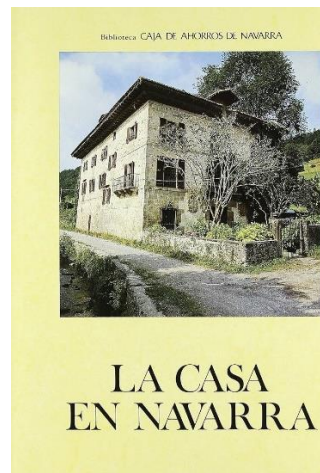


Evolucion Tipologica de Laguardia (Alava)



Planta de Puente Arreina (Navarra)

Casi al mismo tiempo en el que realizábamos las excursiones por el País Vasco, Caro Baroja recibió el encargo de la entonces Caja de Ahorros de Navarra de realizar un estudio de la casa en esta región fronteriza con el País Vasco y que comparte con el mismo gran parte de su cultura. Caro se puso en contacto con la Comisión de Cultura del Colegio con el fin de realizar dibujos y levantamientos planimétricos de los edificios que pretendía analizar. Por esta razón tuve la oportunidad de colaborar en un estudio sobre la arquitectura popular y, más concretamente, sobre la casa popular.



Portada, La Casa en Navarra

Navarra es una región compleja territorialmente. Estructurada de Norte a Sur desde la costa cantábrica y desde el Pirineo hasta el río Ebro participa de un clima y un paisaje atlántico y centroeuropeo en el Norte, mientras que al Sur, el paisaje es absolutamente mediterráneo. En el centro existe la llamada Zona Media, cuyo paisaje y ordenación territorial es semejante a la del Sur de Francia o de Italia. Esto ha influido decisivamente en la conformación del territorio y en la tipología de la casa. Al Norte predomina el diseminado y la “casa compacta”, similar a la tipología centroeuropea, mientras que en la Zona Media y en el Sur, predominan los núcleos urbanos más compactos y la casa mediterránea caracterizada por el patio.



Casa Popular Navarra

El estudio de estas tipologías, profundamente ligadas a la conformación territorial, supusieron para mi formación una especie de “*inquerito*” como el que se había realizado en Portugal en los años 50- aunque en Portugal de una manera más exhaustiva y profunda- en el que había participado algunos de los maestros de la moderna arquitectura portuguesa, como Fernando Távora.

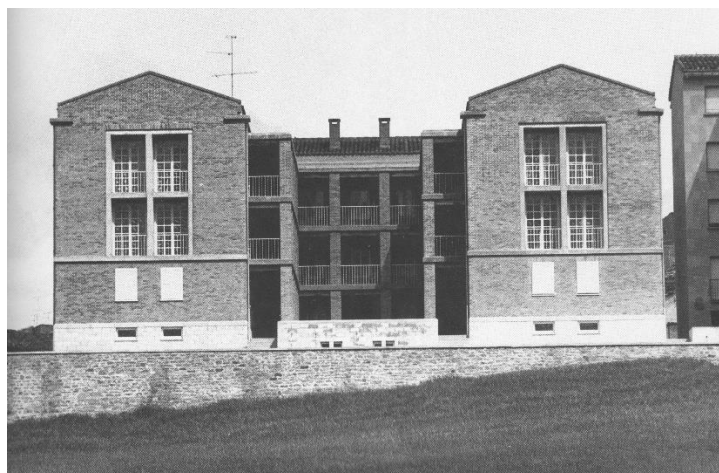
Esta etapa fue decisiva para mi formación como arquitecto y explica, en gran medida, que mi interés predominante en los proyectos se haya centrado en los valores constructivos y en la atención al contexto.

Tuve la suerte de que poco después de realizar los levantamientos de casas en Navarra nos encargaran un proyecto de viviendas en un pequeño pueblo de la Zona Media, proyecto que realicé con Miguel Garay. Se trataba de una casa en Mendigorria, dentro de un territorio que conocíamos bien, pues habíamos realizado varios levantamientos de casas en esa zona que se caracterizaban por la presencia del patio.

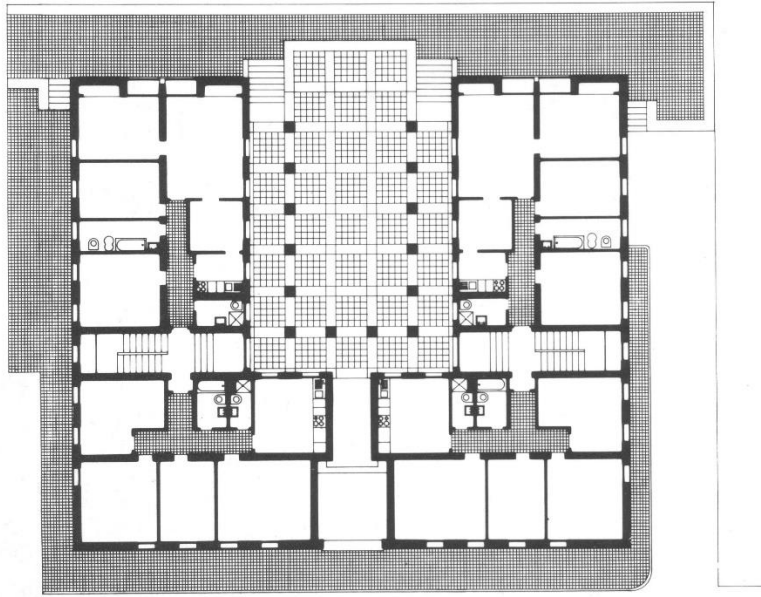
Por esta razón, las viviendas, situadas en el extremo del casco urbano, las organizamos como una casa-patio, en nuestro caso, abierto hacia el paisaje. A este patio se orientan todas las viviendas mediante galerías. El edificio se apoya en una plataforma de mampostería de piedra y está construido en ladrillo, material predominante en la Zona.



Mendigorría vista del Pueblo



Mendigorría - fachada



Mendigorría - planta



Mendigorría - patio

El edificio se terminó en 1980 poco después, por tanto, de la publicación de mi primer libro. Desde la perspectiva a 40 años vista, considero que más allá de la ikastola (escuela vasca) de Fuenterrabía, que fue mi primer edificio, la Casa de Mendigorria puede considerarse como el inicio de mi trayectoria como arquitecto. En primer lugar por estar muy relacionada con su entorno cultural y basar su expresividad en un sistema constructivo y una materialidad propias. Tal vez, me resulta ahora un tanto rígido y lo considero demasiado vinculado a una tipología histórica. De hecho es un proyecto de matriz absolutamente tipológica, pero por lo demás me resulta muy propio del conjunto de mi trayectoria.

A lo largo de los años he tenido la oportunidad de proyectar y construir otras viviendas, siempre en un contexto muy determinado.

Las más antiguas, dentro de los años 80, son unas viviendas en la calle principal del Centro Histórico de Vergara en el País Vasco, situadas entre dos palacios renacentistas que configuran una pequeña plaza. El edificio se adosa a uno de estos palacios, por lo que también se ha considerado por algunos como un “palacio” más¹. Como la Casa de Mendigorria también tiene un patio que, en este caso, se abre a un jardín público. En este caso, el contexto en el edificio tiene un peso evidente, así como la materialidad. En primer lugar por la altura que media entre la de ambos palacios, para lo cual tiene un ático con unos motivos ornamentales que permite hacer la transición entre la altura del palacio más moderno, del siglo XVIII, que es el más alto, y el del siglo XVI. Este último, junto a las viviendas, conforma la plaza y tiene una fachada de piedra, mientras que el más moderno tiene una fachada enfoscada. En el nuevo edificio que se adosa a este último, la fachada es de bloque de hormigón tipo “Split” lo cual se relaciona por la textura con el edificio de piedra. El patio, por el contrario, tiene una fachada enfocada que contrasta con la fachada exterior.



Vergara - Palacio

¹ Silvia Bertolone. “José Ignacio Linazasoro e la ballena blanca”. Tesis doctoral IUAV Venecia. 2017

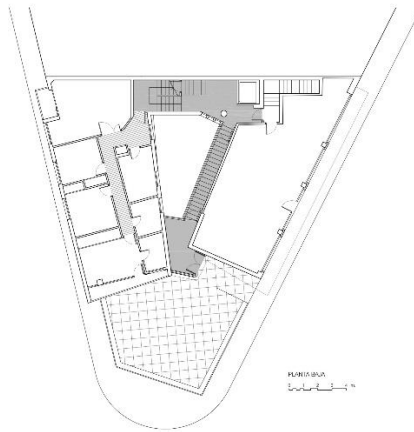


Vergara - alzado

Entre finales de los años 90 y principios de s.XXI, tuve la oportunidad de realizar otro proyecto de viviendas bastante singular por su emplazamiento en la ciudad de Ávila. Se trata de un edificio en esquina dentro de una manzana del ensanche de la ciudad. El solar tiene una fuerte topografía, lo que genera un desnivel entre las plantas interiores. Viene a ser una construcción en dos partes unidas por una escalera y en torno a un patio interior que se abre a fachada a través de una hendidura vertical. La esquina de la manzana constituye el encuentro de las alineaciones de las dos partes del edificio que no se lleva hasta el extremo de la misma. Este remate se resuelve en planta baja con una plazoleta desde donde se accede a la casa. El edificio es de ladrillo visto muy destonificado, de hormigón, madera y con basamento de piedra granítica barrenada, lo que confiere al mismo cierto carácter de intemporalidad.



Avila – foto exterior



Avila – planta

A principios de los años 90, el Ministerio de Asuntos Exteriores encargó un conjunto de proyectos a diferentes arquitectos españoles. Fueron depositarios de estos encargos algunos de los maestros todavía vivos de la arquitectura española, como De la Sota o Sáenz de Oíza. Yo fui el encargado de proyectar y construir la Residencia del Embajador de España en Paraguay.

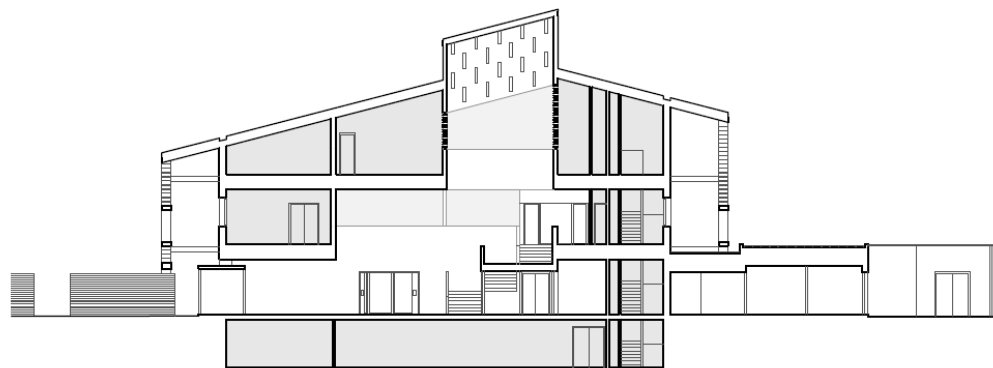
Se trataba de una casa grande, situada en una parcela ajardinada en el centro de Asunción, la capital de Paraguay. Dado el exotismo del lugar y mi desconocimiento del país decidí, antes de hacer el proyecto, realizar un viaje por América del Sur- además de al propio Paraguay- para conocer ejemplos de arquitectura moderna que pudiesen servirme de referencia. Visité, en concreto, Brasilia y Rio de Janeiro, ciudades en las que la arquitectura moderna de los años 50 y 60 había tenido un gran protagonismo y en que se habían desarrollado algunos sistemas de control climático en fachadas y cubiertas. La influencia de Le Corbusier era allí manifiesta a través de los grandes maestros de la arquitectura brasileña, como Lúcio Costa, Óscar Niemeyer o Affonso Reidy, entre otros. Entre otros elementos, me interesó el empleo de brise-soleils como sistema de protección solar de fachadas.

El Ministerio, sin embargo, estaba muy preocupado por el mantenimiento de sus edificios, por lo que insistió mucho en la adopción de sistemas constructivos adaptados al país y comprobados a lo largo del tiempo. En ese sentido, y frente al carácter propiamente experimental de los edificios que había visitado, me insistieron en que el edificio respondiera más a la construcción tradicional del país, si bien adaptada a las demandas de confort moderno.

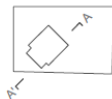
En ese sentido, dado que Asunción tiene un clima tropical y lluvioso en ciertos periodos del año, me recomendaron utilizar cubiertas inclinadas y de teja, y construirlo básicamente en ladrillo, aunque como veremos, también incorporé en el proyectos otros elementos más novedosos y sofisticados.



Embajada – exterior



SECCIÓN A-A'



Embajada - seccion

La Residencia está situada en un extremo de la parcela ajardinada, en el que en otro tiempo existió otra casa, aunque al parecer de menor entidad. Consta de un cuerpo central de planta cuadrada, de dos plantas de altura y bajocubierta, al que se adosa un volumen rectangular de una sola planta que contiene espacios de servicio. El jardín se articula a través de muros bajos a los que se adosan otros espacios, también de servicio, como un asador o “quincho” característico en las viviendas en Paraguay. Mediante estos muros

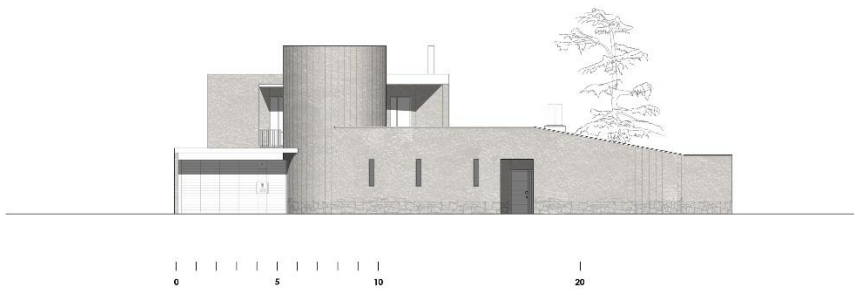
bajos se delimita también un pequeño “jardín secreto”. La parte más interesante, y que tiene mayor relación con el contexto, es el pabellón central donde se sitúan las estancias principales, como los salones de recepción o las habitaciones del embajador, así como las del servicio. El edificio que, como el resto de las edificaciones, está construido con ladrillo, tiene cubierta de teja a dos aguas y está protegido por una segunda fachada en forma de brise-soleil, construida con estructura e hormigón y lamas de madera. El interior tiene un patio cubierto con iluminación cenital, en el que se sitúa la escalera, también de madera, que está cerrado mediante celosías en la planta de servicio para favorecer la privacidad. Las celosías tienen una referencia a la arquitectura colonial americana, y en particular a la arquitectura monástica de la zona.

Un último proyecto al que voy a referirme es una casa unifamiliar en un pequeño pueblo de la provincia de Segovia que he realizado con mi socio Ricardo Sánchez. La casa está situada en una parcela en el centro del pueblo, junto a la iglesia, por lo que no se trata de una edificación aislada. La mayoría de estos pueblos castellanos han sido maltratados por la mala arquitectura que no ha tenido para nada en cuenta las tradiciones locales, por lo que desde el principio decidimos que la casa se basase en la arquitectura popular de la zona, con el fin de integrarla del mejor modo posible en el tejido urbano. No queríamos hacer una “casa de arquitecto” que destacase en el conjunto, sino buscar una forma de anonimato que favoreciese su integración y pasase desapercibida. Por otra parte las casas del pueblo tienen algunos espacios característicos como la “pasada”, espacio al aire libre que originalmente servía de caballerizas y actualmente como espacio estancial en los tórridos meses del verano castellano.

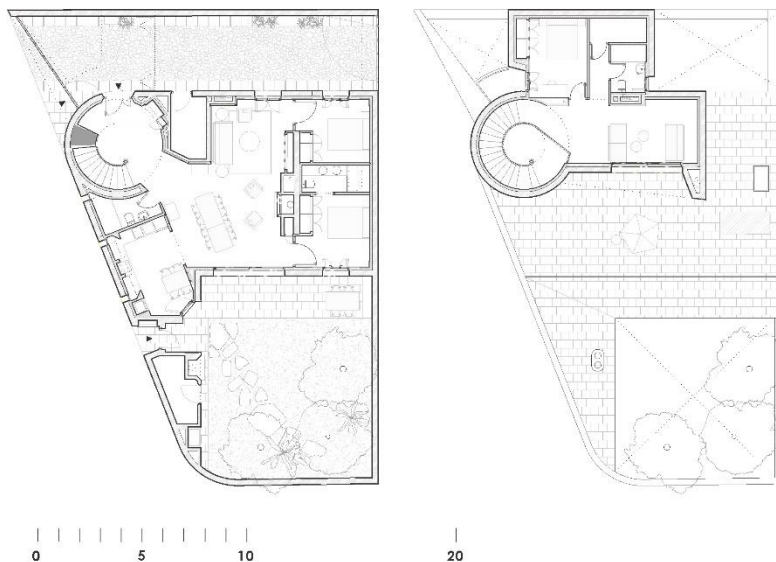


Marazuela – exterior

La vivienda que tiene dos plantas y se orienta hacia un patio interior cerrado por muros, mientras que la planta alta se abre hacia una terraza con vistas a la iglesia y al paisaje. Exteriormente, es un edificio casi hermético, cerrado por muros, que sólo se abre al exterior por el portón que conduce a la pasada, desde la que se accede a la casa por una puerta secundaria que conduce al patio, y mediante saeteras que dan luz a la cocina. El edificio se construye con muros de carga de ladrillo con un pequeño basamento de mampostería de piedra y está recubierto por un enfoscado rugoso semejante al de las casas populares del pueblo, por lo que, a diferencia de otros edificios recientemente construidos, se integra perfectamente en el tejido urbano.



Marazuela - alzado



Marazuela - plantas

A través de este recorrido por mis proyectos de vivienda se puede reconocer una tendencia común a todos ellos, la relación con el contexto y el interés por la materialidad. El reconocimiento de la importancia del contexto arranca de mis estudios de juventud, cuando a través del estudio de las poblaciones del País Vasco empecé a interesarme por la relación que en la conformación de la morfología urbana tenía la arquitectura y viceversa. La arquitectura popular de Navarra, que conocí casi al mismo tiempo, me permitió ahondar en la relación entre arquitectura y construcción, tratándose en este caso de una relación profunda y constitutiva. El apego a la tierra y el desgaste que muchas edificaciones de este tipo tienen en la actualidad me ayudó a valorar el peso de la materialidad y de las texturas, frente a toda arquitectura abstracta o desmaterializada, como la que predomina en la modernidad. Finalmente el conocimiento de todas estas arquitecturas, tanto urbanas como rústicas, me ha llevado a entender la arquitectura con una tendencia al anonimato, frente a la idea de monumentalidad o a la de todo tipo de imagen icónica.

